

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 179/2011

RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA

Quinta-feira última presenciei, na bela sede do Instituto Cravo Albim, na Urca, um ato de restauração histórica, que é a vocação desse importante instituto criado pelo nosso carioca historiador da música, da cultura e da política brasileira, Ricardo Cravo Albim. Desta vez, a restauração não foi musical mas histórica, focalizando a figura do grande brasileiro, o golpeado e difamado Presidente João Goulart.

Falaram os ex-ministros de Jango, Wilson Fadul, da Saúde, e Waldir Pires, da Consultoria Geral da República; não pôde comparecer o terceiro, Almino Afonso, do Trabalho, gripado em São Paulo. Foram dois longos e tocantes depoimentos de testemunhas muito especiais a recordarem detalhes preciosos de fatos históricos e do comportamento particular e público de João Goulart.

Waldir Pires se referiu, muito adequadamente, ao propósito dos golpistas de 64 de “se esconderem da História” e, naturalmente, de falsear fatos e desfigurar a imagem do Presidente deposto. Vale ressaltar que golpistas não foram somente os generais mas quase toda a nossa mídia e também grande parte do empresariado e da classe média brasileira. Eu, que estive presente nos dias do golpe, eram os primeiros tempos de minha vida política, já escrevi um Correio sobre o tema, e a ele volto agora, incitado pelo que escutei nessa memorável noite na Urca.

Quero voltar para rebater as três principais imputações que se fizeram e ainda se fazem ao Presidente Jango: a de conspirar contra a democracia e preparar uma república sindicalista, espécie de ditadura do proletariado, ao gosto dos comunistas; a de ser incompetente para controlar as pressões políticas e administrar o País; e a de ser um homem fraco na decisão. Todas três absolutamente falsas.

Fadul cuidou de relatar passagens reais e decisivas em que Jango mostrou todo o seu apreço pela democracia, que eu conhecia pela minha própria vivência, mais modesta, e que Raul Ryff, em conversas de fim de tarde na Prefeitura, me demonstrara abundantemente, falando sobre o caráter eminentemente democrático de João Goulart, bem diferente dos grandes líderes gaúchos, caudilhos, honrados e positivistas, aos quais era ligado politicamente mas dos quais se diferenciava precisamente pelo gosto natural de escutar e considerar profundamente o que escutava.

Quanto à questão da competência, cumpre lembrar que os anos de Jango na Presidência foram os de mais extrema radicalização no confronto de posições políticas antagônicas, no mundo e no Brasil como reflexo do mundo. Estávamos no auge da guerra fria, com a recente vitória da revolução cubana que prometia ao Continente o contágio do seu êxito surpreendente. E o Brasil, o maior país do América Latina, era justamente o que tinha no poder um governo de esquerda! Era, para os Estados Unidos, uma questão de vida ou morte, impedir de qualquer maneira uma evolução da política brasileira que, mesmo de longe, se aproximasse de uma hipótese revolucionária, que viesse a tirar o grande país do sul da órbita tradicional do chamado “mundo livre”, comandado por eles, norteamericanos. Todos os meios foram empregados para influenciar a política brasileira, fortalecer a oposição ao Governo Goulart, estimulá-la ao golpe, e, no caso de um conflito interno, intervir militarmente.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 179/2011

Este quadro de radicalização sabotava o governo por todos os lados, tal como foi feito posteriormente com Allende no Chile, e criava a imagem do descontrole e da incompetência. A esquerda brasileira, realmente infiltrada no Governo, não percebeu a gravidade da ameaça, da operação golpista que se estava urdindo, e caminhou para um confronto suicida, superestimando a força do comando central, tal como a esquerda chilena faria anos depois. E entretanto, neste difícil quadro de sabotagem e desorganização, onde tudo parecia dar errado, o Presidente Jango manteve a lucidez e tentou por todas as formas evitar o confronto, convocando brasileiros eminentes que naquele momento tentavam a negociação e o avanço moderado, viável, em direção às reformas que pretendia. Santiago Dantas, Tancredo Neves, Celso Furtado, homens de grande saber e de grande maturidade e respeitabilidade, foram convocados e aceitaram o desafio, tentaram buscar os caminhos, mas foram, eles também, sabotados, acusados de traição pelos insensatos da esquerda e pelos “Cabos Anselmos” do momento, que bombardeavam o que chamavam a “política de conciliação”.

Não, é preciso refazer conceitos fabricados pela mídia naqueles dias mesmos: Jango não foi incompetente; teve a visão correta do quadro político e tentou o caminho da viabilidade. Não conseguiu, mas não por incompetência e sim por impotência ante o destino que a força avassaladora da guerra fria impunha ao Brasil.

Assim também, não foi um fracasso na decisão. Soube ser forte o bastante para renunciar e evitar uma guerra interna cruenta, cheia de sangue brasileiro, possivelmente separatista, e perdida desde o início. Wilson Fadul, participante, relatou as intervenções da derradeira e decisiva reunião em Porto Alegre, ao fim da qual, Jango, com emoção e sabedoria, deu por findado o seu governo.

Aos poucos, a verdade vai sendo restaurada. É imprescindível que esta restauração compreenda também os crimes hediondos cometidos durante a Ditadura. Para isso, tem de ser, e será, instituída a Comissão da Verdade.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br